

Religião, pertencças, crenças e valores na juventude de Minas Gerais*

Religion, belonging, beliefs and values in the youth of Minas Gerais

Marcelo Ayres Camurça**

Fátima Tavares***

Léa Perez****

Resumo

Este artigo contém alguns resultados de uma ampla pesquisa aplicada através de um *survey* em estudantes do ensino médio de escolas públicas do Estado de Minas Gerais. As pertencças e preferências religiosas destes jovens foram detectadas através de indicadores extraídos de uma base de dados composta por intermédio da pesquisa, aonde se chegou a seus valores e crenças.

Palavras-chave: Religião. Juventude. Pertencça. Crença. Valores.

Abstract

This article contains some results of wider research carried out through surveys applied to middle school students in the public education system in the state of Minas Gerais. The religious preferences and affiliations of these young people was found from the indicators extracted from the research database, as well as the affects of these on their values and beliefs.

Keywords: Religion. Youth. Affiliation. Beliefs. Values.

* Texto apresentado em versão original no International Seminar Youth, Inequalities and the future of Rio de Janeiro, promovido no IESP, em 2011. Contém de forma condensada os resultados de pesquisa publicada no livro dos mesmos autores do artigo, *Ser Jovem em Minas Gerais: religião, cultura e política*. Belo Horizonte: Argvmentvm Editora, 2009.

** Possui graduação em História pela Universidade Federal do Ceará (1983), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1987) doutorado em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994) e realizou seu pós-doutorado na Ecole Pratique des Hautes Etudes/Sorbonne, Session Sciences Religieuses (2009). Atualmente é professor Titular da Universidade Federal de Juiz de Fora, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião e Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Tem experiência na área de Antropologia da Religião e Antropologia da Política, com ênfase nos estudos do Campo Religioso Brasileiro, Religião e Espaço Público e Imaginário e Rituais da política. Pesquisa nos seguintes temas: Catolicismo, Espiritismo e Nova Era dentro da perspectiva de religião e modernidade, também sobre rituais e imaginário da política e estudos sobre juventude e estilos de vida moderna. Possui ainda uma reflexão sobre o lugar epistemológico das Ciências da Religião no campo das Ciências Sociais e mais amplamente das Ciências Humanas.

*** Professora associada do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFBA.

**** Professora Titular do Departamento de Ciências Sociais da UFMG e coordenadora do Centro de Estudos da Religião Pierre Sanchis.

1 Introdução

As temáticas da religião e da juventude têm assumido nos tempos atuais uma inusitada centralidade, tornando-se mesmo temas candentes (CAMURÇA; TAVARES, 2004, p. 11-46; 2007; p. 21-47). Afinal, acreditava-se que o mundo havia sido desencantado e que, portanto, a religião tinha perdido sua pregnância social, reduzida a assunto de foro íntimo. Acreditava-se igualmente que jovem, entendendo-se como tal, o contestador cultural e/ou militante político dos anos 1960-1970, não se interessava por religião, mas por política.

A religião, ao contrário do que previram algumas teses da secularização, apresenta pleno vigor e mesmo renovação, tanto na esfera privada como na esfera pública, situando-se, para surpresa de muitos, entre o civil e os fins últimos. O papel da juventude na sociedade, por sua vez, é objeto de reflexões e de polêmicas, desdobrado em “problema social” e em “questão sociológica” recebe especial atenção das políticas públicas e também das ciências sociais, onde os estudos sobre juventude tem constituído um campo em franca expansão. De um foco inicial centrado nos segmentos juvenis da classe média urbana e universitária e seu imaginário político (POERNER, 1967; IANNI, 1968; FORACCHI, 1972) chega-se a um reconhecimento da diversidade

empírica da juventude, o foco voltando-se para diferentes modalidades de ser jovem, comportamento, crenças, consumo, sexualidade, música, estética, violência etc (ABRAMO, 1994; VIANNA, 1997; 1998; DIÓGENES, 1998; MINAYO, 1999; ABRAMOVAY, 2002; DAYRELL, 2002; ALVIM, 2004).

Queiramos ou não, é preciso figurar na agenda das temáticas das Ciências Sociais, tanto religião quanto juventude, quer em separado, quer em par, visto que, cada vez mais se colocam como incontornáveis presenças na vida e nos debates contemporâneos.

Mas afinal, do que estamos falando quando nos referimos à religião e à juventude? Que modulações e articulações esse par compõe? É sobre isso que este texto, quer tecer algumas observações conceituais a partir do diálogo com dados empíricos oriundos de nossa pesquisa “Religião, Cultura e Política entre a Juventude de Minas Gerais”.

2 Um panorama geral da Pesquisa

A pesquisa "Religião, Cultura e Política entre a juventude de Minas Gerais" teve seu início com a aplicação de um *survey* entre os alunos da rede pública do terceiro ano do ensino médio. Nosso objetivo foi traçar um panorama das crenças e valores da juventude mineira, levantando questões relevantes ao tema, buscando compreender as relações que esta juventude estabelece entre a esfera religiosa, social e valores morais. O *survey* contou com uma amostra de 11.481 questionários aplicados através do SIMAVE¹ (Sistema Mineiro de Avaliação da educação Pública), instituído pela Secretaria de Estado da Educação, em 2000, para ser um mecanismo estratégico de diagnóstico e planejamento da política educacional no estado de Minas Gerais.

Os questionários foram auto-administrados e aplicados conjuntamente à prova de Avaliação da Educação Pública. O *survey* produziu uma amostra não probabilística. Contudo, dado o alto número de questionários aplicados e a compatibilidade entre dados obtidos em

pesquisas anteriores² podemos sugerir que os resultados deste *survey* refletem com bastante segurança as características e a diversidade deste segmento, uma vez que ao dividirmos o número de estudantes matriculados na rede pública de ensino pelo número total de estudantes entrevistados obtemos o satisfatório resultado de 1 estudante entrevistado para cada grupo de 71. Esta proporção nos dá solidez para inferirmos análises sobre nosso universo de pesquisa.

Os estudantes que responderam ao questionário o fizeram após uma breve explicação do seu conteúdo e objetivo, que foi feita por um instrutor devidamente treinado. As escolas que compuseram a amostra do *survey* distribuem-se em cinco pólos: Zona da Mata (Vale do Rio Doce, Zona da Mata e Campo das Vertentes); Capital (Capital e região metropolitana de Belo Horizonte); Centro sul (Sul de Minas, Oeste de Minas e Central Mineira); Triângulo Mineiro (Triângulo Mineiro/ Alto Parnaíba) e Norte (Vale do Jequitinhonha e Vale do Mucuri). Os questionários foram divididos entre essas regiões da seguinte maneira:

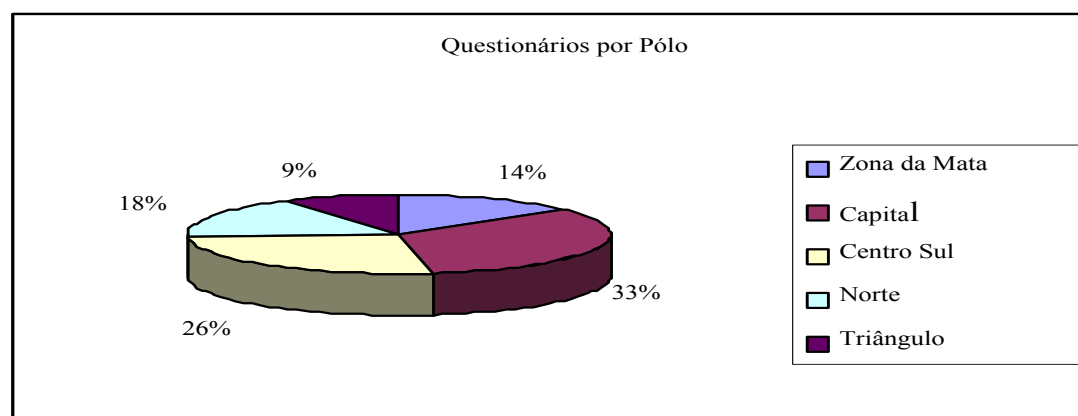
¹ O SIMAVE avalia as escolas públicas, municipais, estaduais e federais e, portanto, as unidades escolares avaliadas constituíram a moldura de nossa pesquisa. As escolas das três redes reúnem 814.357 alunos no total (776.619 da rede estadual, 10.291 da federal; 27.447 da rede municipal), segundo dados da Secretaria de Estado da Educação.

² Estamos nos referindo aos dados obtidos no CENSO/IBGE-2000, apresentados especialmente no Atlas de Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil (Jacob et. al., 2003).

Quadro 1 – Distribuição de Questionários por Pólo

Pólo	Nº de questionários	%
Zona da Mata	1588	13,8
Capital	3881	33,8
Centro Sul	2974	25,9
Norte	2027	17,7
Triângulo	1012	8,8
Total	11481	100,0

Gráfico 1 – Questionários por Polo



Além dessa divisão em cinco pólos, o desenho amostral da pesquisa acompanha a estrutura da Secretaria de Estado da Educação, que conta com 42 Superintendências Regionais de Ensino, que por sua vez agrupam os 250 municípios onde tivemos a aplicação dos questionários. Ao trabalhar esses municípios optamos pela elaboração de mais um critério para classificá-los, criando assim mais uma variável: o contingente populacional do município.

Distribuindo-se os municípios envolvidos na pesquisa pelo seu contingente populacional, temos a seguinte classificação:

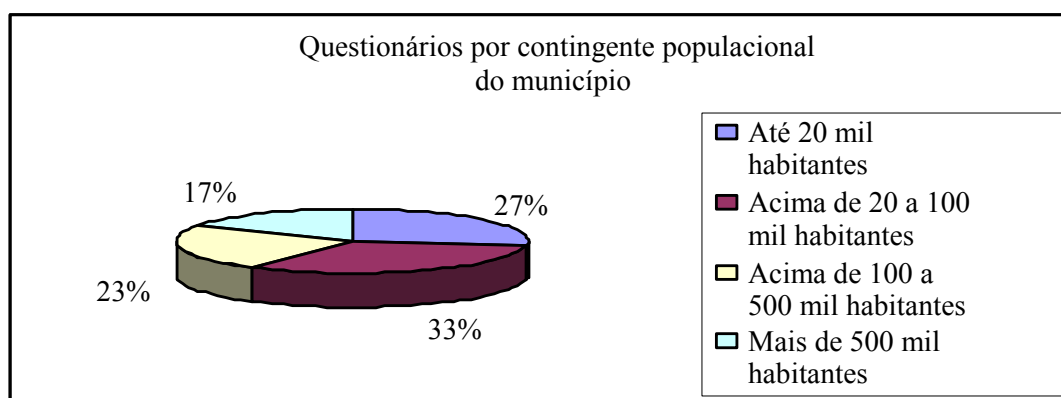
Quadro 2 – Contingente populacional

Nº de habitantes	N.º de cidades	N.º de questionários	Contingente populacional
Até 20 mil hab.	134	3144	1.254.416
De 20 a 100 mil hab.	92	3721	4.219.663
De 100 a 500 mil hab.	19	2675	3.626.720
Mais de 500 mil hab.	3	1941	3.266.200

Através do gráfico abaixo é mais fácil perceber o equilíbrio na distribuição de cada um desses segmentos, já que cada um agrega um bom número de questionários: as cidades com mais de 500 mil habitantes contam com 17% dos

questionários; as acima de 100 mil a 500 mil contam com 23% dos questionários; as de 20 mil a 100 mil com 33% e as com até 20 mil com 27% dos questionários.

Gráfico 2 – Questionários por contingente Populacional do município



Vale ressaltar que nós não tivemos acesso ao índice de resposta. Nos dados que nos foram enviados constavam somente aqueles referentes aos questionários respondidos, sendo desconhecido o montante dos questionários que foram entregues em branco, percentual que normalmente é residual nas pesquisas aplicadas desta forma.

O *survey* contou com 80 perguntas, estruturadas em 4 blocos: caracterização sócio-econômica, pertencimento religioso, moralidade e direitos humanos, política.

O CAED/UFJF (Centro de Avaliação em Políticas Públicas em Educação) foi o responsável pela aplicação dos questionários e processamento do material. O software

usado para esse fim foi o SPSS, que também foi o instrumental para a análise

univariada, bivariada e multivariada dos dados.

3 Perfil da juventude

a) Sexo:

O universo feminino é mais religioso que o masculino, entretanto, é interessante observamos que no catolicismo, ao contrario das demais religiões, existe uma pequena diferença percentual em favor dos homens. Dado esse confirmado nos números levantados pelo "Atlas de filiação religiosa" para o universo geral de católicos no país (Jacob et. al., 2003).

Vale observar, a diferença mais acentuada entre mulheres e homens na religião pentecostal (o universo feminino é 29% maior que o masculino).

b) Cor:

A declaração de católico foi maior entre os brancos (82%) do que entre todos os jovens que se consideram representados por outros perfis étnicos. O que também se confirma nos dados apresentados pelo "Atlas de Filiação Religiosa" (JACOB et al, 2003).

Não obstante, dentro os que se declaram adeptos do espiritismo, os brancos estão mais representados (55,6%) e o menor número de negros (10,3%).

Também a declaração de católico foi maior entre os negros (75,4%) seguido pentecostalismo (8,6%). No

entanto dentre os adeptos do candomblé – umbanda o percentual de negros é maior (22%) e seguido dos adeptos do pentecostalismo com um percentual de (17,6%) de negros.

c) Classe:

Observa-se entre católicos e protestantes pouca variação na sua presença entre as quatro classes consideradas (alta, intermediária e baixa) (índice sócio-econômico com variáveis disponíveis na ABIPEME). Entre os jovens pentecostais sua concentração é menor na classe mais alta e entre os jovens espíritas observa-se tendência inversa, quanto mais alta é a classe, maior é a sua presença.

Acrescentamos uma análise acerca do índice de escolaridade dos pais também como forma de medir a presença destes jovens entre as diversas classes sociais estipuladas. Entre os jovens protestantes existe pouca variação entre a escolaridade dos pais na distribuição pelas classes. Já entre os jovens espíritas, quanto maior a escolaridade dos pais, maior sua presença (nunca estudou 1,7%; 8,1%). Entre os jovens pentecostais o maior percentual de pai está entre aqueles com escolaridade relativamente baixa (nunca

estudou 6,7%; ensino fundamental 5,8%; faculdade 3,6%).

Entre os jovens católicos apresenta-se um problema quando o percentual diz respeito ao grau de escolaridade do pai. Estes se concentram

na faixa de escolaridade mais baixa, mas quando diz respeito à mãe é maior a faixa que se concentra no nível universitário (81,1%; 80,6% ensino fundamental).

4 Inferências e reflexões em cima dos dados: pertença religiosa, crenças e valores desta juventude mineira

Ao tomarmos como objeto de análise a juventude mineira – generalização que na nossa pesquisa cobre na verdade, o segmento de estudantes do 3º ano da rede pública de Minas Gerais - tivemos por objetivo verificar em que amplitude e sob quais formas a esfera religiosa influi as condutas sociais destes jovens, em suas dimensões éticas, morais, para então verificarmos qual é o atual estado da já tão propalada relação entre religião e juventude (NOVAES, 1994; 2001; STEIL; ALVES; HERRERA, 2001).

O nosso universo de pesquisa se caracteriza por uma preponderância feminina, sendo majoritariamente branca. Os dados obtidos também evidenciam o perfil típico de estudantes secundaristas: faixa etária oscilante entre 17 e 19 anos, solteiros, sem filhos e ainda morando na casa dos pais, em famílias constituídas por até 6 pessoas. Contudo, apesar deste perfil constatamos que a vinculação ao mercado de trabalho faz-se presente em expressiva parcela destes jovens, o

que nos revela a especificidade de nosso universo: estudantes secundaristas da rede pública, oriundos de classes sociais com poder aquisitivo relativamente pequeno, cujos pais possuem baixo nível de escolaridade. É salutar, porém, ressaltarmos que apesar de trabalharem, esses jovens não interrompem seus estudos. Podemos concluir que para esses jovens, o trabalho constitui-se em um fator básico para a vivência da juventude.

Cabe também observar que os resultados gerais da pesquisa confirmam em suas linhas gerais as tendências observadas no último Censo, bem como as de outras pesquisas sobre juventude e religião (NOVAES; MELO, 2002; NOVAES, 2001; STEIL; ALVES; HERRERA, 2001).

Como vimos acima, o grupo pesquisado situa-se na faixa etária entre os 17 e os 19 anos, é majoritariamente composto por jovens do sexo feminino. São os autodeclarados brancos, solteiros, sem filhos. O quesito cor

apresenta uma interessante variação entre os dados gerais do estado e os relativos à capital mineira. Belo Horizonte, apresenta uma proporção bem maior de pardos (33,6%) relativamente ao estado, onde eles são 12,6%. A situação inverte-se quando se

trata da presença da cor negra. Em Minas como um todo, 31,5% dos jovens pesquisados declararam-se negros, caindo para 20,0% em Belo Horizonte. Vale dizer que o estado é mais negro do que sua capital, que por sua vez é mais parda do que o estado.

5 Da pertença religiosa

A quase totalidade afirma ter religião. No estado são 94,0% contra apenas 5,1% sem religião. A capital mineira apresenta um índice mais elevado de sem religião, 8,9%.

Dentre a maioria dos estudantes com religião, embora haja a presença de um leque de opções religiosas, em termos quantitativos verifica-se uma preponderância do catolicismo (79,4%), seguido de longe dos protestantes (7,7%), do pentecostalismo (6%), dos espíritas (2,4%), do candomblé-umbanda (0,3%) e de outros (4,3%). As opções de resposta disponíveis no *survey* limitaram-se a essas grandes “tradições religiosas”. Daí um conjunto de outras filiações religiosas existentes ficarem agrupadas na categoria “outros”, que somadas ultrapassam as religiões espírita e candomblé-umbanda, que dentre as “tradições religiosas” mais conhecidas são as que tem menor densidade de adesões.

Vale a pena observar algumas variações desses números quando se trata de Belo Horizonte. Além da

prevalência do catolicismo, em Belo Horizonte, embora em percentual menor (67,4%), observa-se o aumento dos protestantes (12,0%) e dos pentecostais (9,0%). Embora a taxa média de estudantes católicos caia, ainda assim ela é superior a soma das médias dos jovens das outras religiões (32,5%).

Se compararmos, proporcionalmente, as religiões entre si, no que tange às suas presenças nas regiões, identificamos que os pentecostais se encontram majoritariamente na capital (55%). Comparativamente, também, as demais religiões alcançam em relação aos católicos seu maior percentual na capital, por exemplo, a concentração de pentecostais é 90% superior que a de católicos em Belo Horizonte.

Esses números apontam para uma das características mais salientes do campo religioso brasileiro (e que segue tendências mais gerais): sua composição diversa, com o evidente declínio da hegemonia católica, mas sem perda de sua franca preponderância, e a maior expressão dos sem religião. No

que diz respeito ao plano enfocado, os números nos fazem inferir que em Minas Gerais ocorre uma *resistência* católica à tendência geral de alterações na hierarquia do campo religioso nacional, onde se verifica uma queda percentual do catolicismo acrescida do crescimento das religiões evangélicas e do aumento dos sem religião. Nesta direção, vale lembrar que em Minas, a queda percentual do catolicismo é menor (14,2%) que a média nacional (15,4%) e que a presença dos sem religião – um dos fenômenos de mais evidência no último censo – no estado é incipiente (4,2% da população) em relação à média nacional (7,3%) ou em comparação com à do Rio de Janeiro, o estado com mais sem religião (15,5%) do país.

Para caracterizarmos mais a situação de *resistência tendencial* desta parcela da juventude mineira e também da população do Estado em relação a média nacional, fizemos o cotejo de nossos dados com aqueles coligidos por Regina Novaes e Cecília Melo (2002) na pesquisa “*Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos*”. Deve-se deixar claro a desproporcionalidade existente entre as duas pesquisas para uma comparação rigorosa, o que não invalida, este exercício, desde que ressalvada esta

desproporção. No nosso caso trata-se de um universo restrito a estudantes da rede pública do estado de Minas Gerais, captados através de uma amostra não probabilística, ou seja, dos 11.481 estudantes que estavam em sala de aula quando da aplicação do questionário. No caso da pesquisa de Novaes e Melo, seu espectro é a juventude como um todo do município do Rio de Janeiro, e sua abrangência também visa cobrir todo esse universo através do método probabilístico, por sorteio dos respondentes numa proporcionalidade com a população juvenil dos bairros, distritos e regiões administrativas do município. Por fim, o tema da pesquisa de Novaes e Melo é bem mais amplo que o nosso, abrangendo as esferas da família, escola, trabalho, lazer, religião, sexualidade, drogas, violência, etc. No nosso caso embora o foco fosse na religião, crenças e valores, apareceram também como decorrência desse recorte desdobramentos nos campos da família, escola, trabalho, sexualidade, etc.

Uma visada geral deste cotejo conclui por uma polaridade no comportamento religioso destes dois grupos de jovens, funcionando quase como antípodas um do outro.

Quadro 3 – Distribuição das religiões entre estudantes mineiros e jovens cariocas (%)

Religião	Estudantes mineiros	Jovens cariocas
Católicos	79,4	51,9
Pentecostais	6,6	14,2
Protestantes	7,7	4,4
Espíritas	2,4	6,3
Religião – Afro	0,3	1,8
Sem-religião	5,1	21,2

Verifica-se de fato uma acentuada polaridade entre os dois grupos, onde os jovens cariocas acompanham as tendências do seu estado, quais sejam, a queda do catolicismo e o avanço dos evangélicos e “sem religião” e os estudantes mineiros resistem a esta tendência, de acordo com seu estado mantendo a preeminência dos católicos e reduzindo a taxas pequenas os sem religião. Note-se que ambos os estados vão além da média nacional, tanto para o pólo da exacerbação quanto da resistência.

Além disso, podemos também chamar a atenção para uma maior *radicalização* em ambos os grupos jovens com relação às tendências gerais dos seus próprios estados, seja para afirmar uma ainda maior adesão ao catolicismo, no caso dos estudantes mineiros, seja para afirmar uma também maior adesão aos sem-religião, no caso dos jovens cariocas.

Ainda em outra comparação pode-se sugerir a forte reprodução do catolicismo enquanto religião majoritária entre estes estudantes de Minas Gerais,

na contramão de indicadores que apontam um declínio do catolicismo entre jovens das principais metrópoles do país.

Trata-se da pesquisa do *Centro de Estatísticas Religiosas e Investigação Social (CERIS)*, Instituto assessor da CNBB, sobre a presença do catolicismo nas principais metrópoles do país: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre (GOMEZ DE SOUZA; FERNANDES, 2002). Num dos gráficos desta pesquisa que relaciona a idade com religião aparecia que em todas as faixas etárias havia mais católicos que não-católicos, exceto na faixa de 18 a 25 anos, a proporção se inverte, donde se pode deduzir um declínio na reprodução de católicos justamente nas faixas mais jovens. No entanto, em nossa pesquisa, a média dos nossos jovens católicos pesquisados (79,4%) é superior a soma das médias de jovens de outras religiões (20,7%). Também para o caso da metrópole contemplada na nossa pesquisa, Belo Horizonte, temos que, embora a taxa média de estudantes católicos caia para

67,4% (em relação ao número absoluto da pesquisa de 79,4%) ainda assim ela é superior a soma das médias dos jovens das outras religiões (32,5%).

Além disso, quando pai e mãe não são católicos e o filho adota outra religião, a principal escolha reside sobre o catolicismo. Entre os jovens que tem pai espírita, 44,5% são espíritas, mas 44% são católicos, e entre jovens que tem mãe espírita 56,7% deles são espíritas, mas 35,3% são católicos. Entre jovens que tem pai pentecostal – 78,3% são pentecostais, mas 11,5% são católicos e quem tem mãe pentecostal, 76,5% são pentecostais, mas 13,8% são católicos. Observamos também que o maior poder de reprodução de religião dos pais nos filhos situa-se entre os católicos: 93% de pais católicos têm filhos católicos.

Com isto, podemos afirmar que o caso da juventude mineira, a situação inverte-se em relação ao processo identificado pelo antropólogo Ronaldo de Almeida, que ao examinar, sobre bases estatísticas o trânsito religioso em São Paulo, configurou o catolicismo como um “doador universal” (ALMEIDA, 2004). No nosso caso o catolicismo mantém uma taxa de reprodução entre os jovens acima de 90% e ainda é a principal escolha de filhos de pais não católicos que optam por outra religião.

Diante desta situação apresentada, no entanto, isto não

significa, nem que a população do estado de Minas Gerais, nem que os jovens estudantes da rede pública de Minas, por expressarem o que indicamos como uma *resistência* em relação as dinâmicas da média nacional, se comportem como um bastião de *tradicionalismo* no que tange as suas preferências religiosas em relação ao resto do país. Note-se que o Nordeste do país apresenta números ainda mais expressivos desta resistência católica (CAMURÇA, 2006, p. 35-48). Sim, que representam uma tendência de certa *inércia* em relação as transformações ocorridas em muitos centros do país. Inércia, esta que aparece tanto nas declarações de pertença religiosa, quanto nas que expressam valores e crenças, indicando não uma tendência anti-moderna enquanto visão de mundo, mas uma forma particular de combinar valores mais conservadores e de continuidade com valores modernos e de ruptura. Isto estamos chamando neste texto, de *articulações e modulações* de dimensões tradicionais por dentro da modernidade, que foi percebido de maneira precisa por Pierre Sanchis (1997, p. 108) quando detectou nas transformações operadas no campo religioso brasileiro: “uma modernidade que se articula com a tradição para expressá-la ‘modernamente’”.

6 Quanto aos valores

Para essa juventude estudantil da rede pública mineira analisada, os pais são a influência mais marcante em termos de escolha da religião, do mesmo modo que a *família* é a instituição apontada como a mais importante em suas vidas. No entanto, é bastante expressiva a escolha da religião por motivos pessoais: 37,8% em Belo Horizonte e 31,5% em todo o estado.

Sobre a importância da família e da religião um jovem evangélico, morador da capital, atuante em sua religião, assim se expressou: “Minha religião é muito assim, a base da minha vida, sabe, além da minha família”. Sobre a escolha da religião dois depoimentos são ilustrativos:

“Meus pais também são cristãos, vão à Igreja Metodista também, mas foi escolha própria eu ter ido começado a ir à igreja, porque meus pais já iam, eles nunca me obrigaram a ir na igreja. Foi escolha própria, entendeu?”

“Sou católica. Vou a igreja sempre, ajudo muito na igreja. Já conheci outras religiões, já fui na igreja evangélica [...]. Gostei muito lá porque eles louvam essas coisas... e não fica naquela mesmice, então eu gosto. Mas, eu gosto mesmo da minha religião [católica] e me sinto bem. [...] Meu pai, ele não pratica, ele não é nada assim, mas ele acredita em Deus. Minha mãe é católica e não aceita que eu mude de religião. Já falei que essa escolha

é minha e que ela não tem nada com isso” (informação verbal).

Deixemos aqui acenado a possibilidade de tratar-se de uma outra modulação de transmissão religiosa, mesmo em um estado, repita-se ainda uma vez, religioso e católico como Minas Gerais. De um lado, não se pode negar que se trata aqui da ação da “tradicional família mineira” em sua articulação com o catolicismo em sua face de “religião da família brasileira” (NOVAES, 2004, p. 277). De outro, entretanto, para os nossos jovens, a religião já não é mais somente uma herança familiar, a escolha individual tem um peso que não é negligenciável, uma vez que se trata de um indivíduo religioso, como diria Pierre Sanchis, definitivamente afirmado. Todavia, é inegável que, mesmo com a maior abertura religiosa (não pode se deixar de sublinhar esses jovens escolhem sua religião em um campo religioso plural e competitivo) eles são majoritariamente católicos, seguindo a religião de seus pais. Vale dizer, portanto, que tradição familiar e religiosa modulam-se com autonomia individual, evidenciando uma das variáveis que circunscrevem os marcos sociológicos nos quais se insere a vivência da religião pela juventude contemporânea.

A força da família reafirma-se quando questionamos sobre a importância que certas instituições,

hábitos e rotinas, exercem em suas vidas. Subseqüentemente à importância da *família*, no que diz respeito ao estado de Minas Gerais apresenta-se em ordem decrescente: a *religião*, o *trabalho*, o *estudo*, e nos últimos postos, os *amigos*, o *namoro* e o *esporte*. Para a capital, há uma inversão sugestiva: o trabalho fica na frente da religião³. Observamos, ainda, a importância da família, da escola e do trabalho, tanto entre os “com” como entre os “sem” religião. Vale dizer, portanto, que a religião não parece constituir um forte apelo para o fortalecimento dessas instituições.

No campo dos valores “fundamentais”, os jovens mineiros pesquisados lançam a possibilidade de relativização das teses de “moratória social” e de “moratória vital” (suspensão de responsabilidades e obrigações sociais em favor de uma liberdade para fruir a vida) enquanto uma categoria de caracterização da juventude⁴. Nossos estudantes fogem a ela ao afirmarem a importância de hábitos que pressupõem “vínculos” sociais mais definidos e duradouros, em detrimento da idéia de se “aproveitar a vida”, seja namorando ou praticando esportes, por exemplo.

Evidencia-se, assim, o perfil de uma juventude que se constitui e se

reconhece nos espaços tradicionais de reprodução de valores e costumes (como a família, a escola e o trabalho), mesmo considerando-se as atuais transformações na esfera familiar. No entanto, podemos considerar que essa juventude assimila a força da tradição familiar, modulando-a na medida em que adquire novos valores e costumes na sua experiência em outros espaços sociais, o que pode ser observado nas opiniões acerca de questões relativas à moral e à ética corporal (virgindade, homossexualidade, aborto, etc.).

Os dados apontam que no tratamento desses temas a religião é uma variável importante. Tomemos o “caso” da virgindade. A virgindade feminina no estado como um todo é valorizada por 37,6% dos jovens, em Belo Horizonte baixa um pouco, como era de se esperar, passando para 34,0%. Quando se comparam esses dados gerais com os obtidos pelo cruzamento com ter ou não religião, a influência da religião fica patente, uma vez que entre os jovens que se declaram com religião, os índices se aproximam muito do quadro geral. Assim, em Minas Gerais, entre os com religião, a virgindade feminina é acatada por 38,5% e na capital por 35,5%. Já entre os sem religião, a queda é bem acentuada, passando respectivamente para 20,4% e 17,9%. Considerando-se cada religião em particular verifica-se que tanto no estado, como na cidade, são os pentecostais os que mais concordam

³ Numa escala que variava de 0 a 6, os estudantes pontuaram a importância de cada um desses itens. Para a análise dos dados, foi produzida uma tabela de pontuação em ordem decrescente.

⁴ Tais teses são apresentadas por M. Margulis e M. Urresti (1996), como princípios norteadores da categoria juventude, percebida como uma experiência geracional comum, a despeito, por exemplo, de distinções de classe.

com a manutenção da virgindade feminina (78,5% e 76,4%, respectivamente), seguido de perto pelos protestantes (72,4% e 75,8% respectivamente). Sendo os espíritas os mais abertos: 16,4% no estado e 14,6% em Belo Horizonte. Interessante observar a diferença mais sensível entre Minas Gerais e sua capital, no que diz respeito aos jovens católicos. Enquanto no estado eles são 31,1% a valorar a virgindade feminina, na capital são 40,1%. Sobre a virgindade, assim se expressou uma jovem evangélica:

"Eu acho importante pra mim. Agora se as pessoas não acham ... eu acho que isso é de cada um, não depende de religião, não depende de família, não depende de nada, é uma coisa pra você. É uma coisa que você determina para você mesmo" (informação verbal).

Associando fidelidade e virgindade um jovem católico declarou:

"Fidelidade, hoje em dia, eu acho que é uma coisa muito importante, não só com namorado, namorada, mas com amigo também, tem que ser... tem que ser uma pessoa honrada, ter palavra, né? Esse negócio de você ter um namorado lá, uma namorada... e... sacaneia ele...é... acho que meio... [risos] não é muito bom, não. Esse negócio da virgindade, eu acho que é colocado hoje em dia assim de maneira meio desigual. Porque para os homens, virgindade, você é virgem eles falam: "Nô! Pô! Que paia, né? 18 anos e nada". O cara fica meio, nô... maior discriminado, assim. Já com as mulheres não. Mulher já perde a

virgindade mais cedo assim, já é maior discriminada. Fala: "Nô!, galinha não sei o que" (informação verbal).

O aborto é o tema mais controverso que abordamos nesta parte da pesquisa. O aborto é um problema que habita largamente os discursos religiosos, e tem sido cada vez mais objeto de discussão e até de militância de várias igrejas, principalmente quando alguma lei de liberalização do aborto é votada no Congresso Nacional.

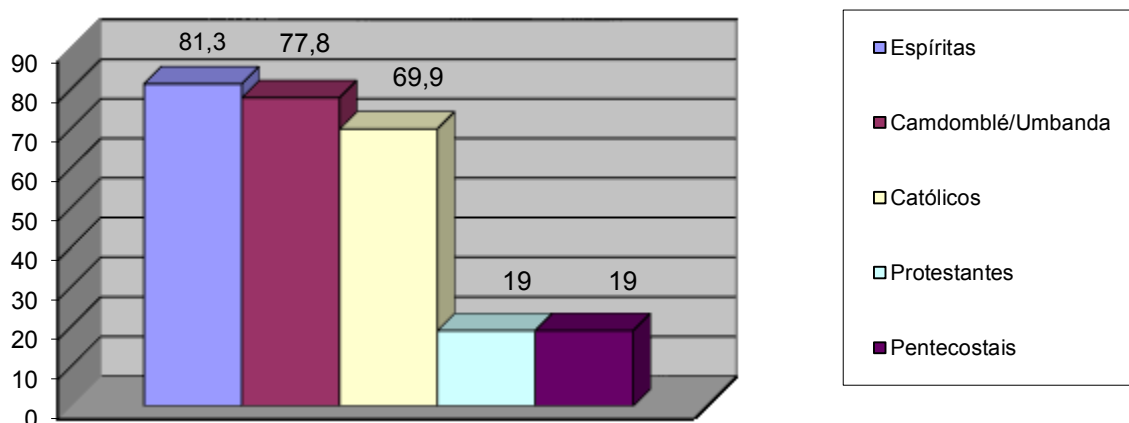
Nos números que medem o grau de tolerância em relação ao aborto, o maior percentual (68,2%) foi encontrado entre aqueles que discordam da afirmação de que "o aborto não pode ser justificado em nenhuma circunstância". Contudo, as demais questões não apontam na mesma direção: há alto índice de respondentes (64,4 %) que concordam com a afirmação "o aborto só pode ser justificado em caso de estupro", restando uma baixa porcentagem (23,8%) para a percepção do aborto como decisão livre da mulher. Nos índices de recusa absoluta ao aborto não se verificam grandes variações por filiação religiosa. Porém, devemos ressaltar que a ordem das questões anteriores se repete também com o aborto, com os pentecostais e os protestantes demonstrando uma recusa maior, os católicos se situando perto da média e os espíritas e adeptos do candomblé fechando a lista.

Quanto aos índices de justificação do aborto em caso de estupro, podemos destacar os católicos (67,3 %) com um maior grau de concordância. Já quando a afirmação é “o aborto deve ser uma decisão livre da mulher”, temos maior aceitação entre os adeptos do candomblé/umbanda (39,1%) e espíritas (27,9%).

Ainda sobre moralidade e sexo, o *survey* contou com a seguinte pergunta:

“Você concorda com a união homossexual”? Os dados gerais são bastante interessantes, pois 61,2 % dos entrevistados aceitam a união homossexual, um nível de aceitação bastante alto para jovens secundaristas, muitos de cidades pequenas do interior de Minas, marcadas pelo forte catolicismo.

Gráfico 7 – Aceitação da união homossexual por religião (%)



Quando cruzamos os dados por religião, as diferenças são significativas e vão ao encontro das observações anteriores. Os espíritas são os mais tolerantes à união homossexual, seguidos bem de perto pelos adeptos do candomblé/umbanda, os católicos aparecem um pouco abaixo, e os pentecostais e protestantes apresentam índices muito inferiores.

Analisando essas questões parece-nos haver uma tendência bem

acentuada de polarização entre protestantes e pentecostais, de um lado; e espíritas, do outro. Os resultados referentes a tais questões demonstram que no que diz respeito a temas como sexo e moralidade, a religião mantém, entre os jovens, um papel de acentuada relevância.

Assim, os espíritas se posicionaram preponderantemente a favor das opções que apontam para uma maior liberalização do corpo e da moral.

Na outra ponta, os protestantes e pentecostais apresentaram altos percentuais nas respostas que limitam o controle do corpo e que apontam para

uma clara rejeição aos novos padrões de sexualidade, reforçando assim, a moral familiar e reafirmando o peso da religião.

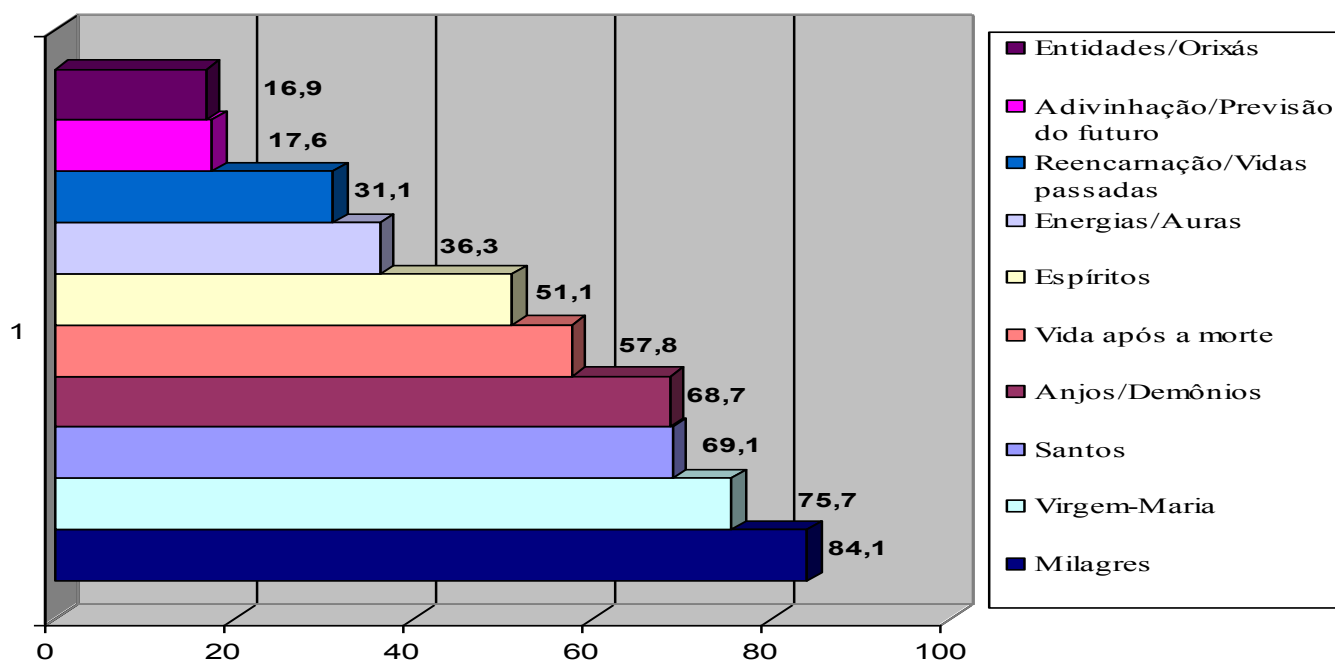
7 Quanto às crenças

O quadro geral de crenças (sem considerar o pertencimento religioso) do segmento da juventude mineira aqui considerado é bastante sugestivo⁵. Para

o estado, os três primeiros lugares são ocupados, coerentemente com o majoritário pertencimento ao catolicismo, por crenças típicas dessa religião. São elas, pela ordem: milagres, Virgem Maria e santos.

⁵ Um conjunto de questões procurou aferir as crenças em alguns símbolos religiosos. Através das opções "sim", "não" e "não sei", cada um dos itens foi abordado separadamente.

Gráfico 8 – Crenças da juventude mineira (%)



Para Belo Horizonte, a crença em milagre permanece em 1º lugar, a em Virgem Maria desce para a 3ª posição, o 2º lugar sendo ocupado por anjos/demônios (que no Estado ocupa a

4ª posição). Hierarquia perfeitamente previsível com a situação de pertencimento religioso na capital, onde a presença pentecostal é mais marcante. A crença em energias/aura, ocupa o 7º

lugar nas duas regiões, possível indício de uma presença modesta da Nova Era, que se caracteriza por uma valorização de referências dessubstancializadas (AMARAL, 2000). Igualmente modesta, tanto no estado quanto na capital, é a crença em entidades/orixás, 10° e 9° lugares, respectivamente.

Quando se cruza crença com ter ou não religião, evidencia-se que para esses jovens de Belo Horizonte, declararem-se sem religião, não necessariamente implica em ausência de crenças religiosas, pelo contrário. Pode-se mesmo delimitar, usando a pista de Regina Novaes, um claro segmento de “religiosos sem religião” (2004, p. 272). Comparando-se com os com religião, não se observa rejeição das crenças, mas uma alteração de posições no que se refere aos símbolos católicos, apontando para um imaginário religioso menos católico, mais variado, mesmo caso para Minas Gerais como um todo. Crenças na Virgem Maria e santos ocupam posições inferiores, respectivamente 7° e 8° lugares em Belo Horizonte; 6° e 7° para o estado. Chama atenção o 1° lugar em Belo Horizonte e no estado, entre os sem religião, da crença em anjos/demônios. Dada a centralidade que esses símbolos adquirem no universo pentecostal é de se perguntar qual o seu significado para o grupo dos sem religião⁶. Seria mais uma marca do fenômeno do crescimento

do pentecostalismo no país como um todo? Ou ainda, no que tange a crença em anjos, pode se configurar uma forte influência das crenças “nova era” nesse meio dos sem religião, enfim, destes que “crêem sem pertencer”. Nota-se a influência do tema “anjos” numa literatura esotérica bastante consumida por esses indivíduos portadores da religiosidade do *self*, onde despontam *best sellers* como “Anjos Cabalísticos” de Mônica Buonfiglio (1997).

Por seu lado, o quadro de crenças dos que declaram ter religião, tanto em Belo Horizonte quanto no estado, embora seja mais católico, não o é em exclusividade. Em ambos milagres vêm em 1° lugar, todavia opera-se uma interessante mudança no 2° e 3° lugares. Em Minas Gerais temos Virgem Maria em 2° e santos em 3°. Em Belo Horizonte, anjos/demônios vem em 2°, Virgem Maria aparecendo em 3° e santos descendo para o 4° lugar. Pode-se sugerir que há uma certa prevalência, entre os com religião, de uma marca mais pentecostal e/ou novaerista.

Vê-se que o imaginário religioso dos nossos estudantes, muito embora seja tipicamente católico, não o é completamente, transbordando os limites institucionais, doutrinários e dogmáticos dessa e de outras religiões que também se fazem presentes. Aqui é importante sublinhar dois aspectos. No campo das crenças há não somente porosidade institucional e doutrinária, o que faz com que, a esse respeito, os

⁶ A respeito das representações do demônio no pentecostalismo: Mariz (1997).

jovens revelem-se mais abertos e mais tolerantes. Há também um movimento mais amplo de “empréstimos mútuos” entre as diferentes religiões em presença na conformação de imaginário religioso mais fluido, poroso e “misturado”. Assim, por exemplo, entre os que se declaram sem religião a quase totalidade dos afirmou acreditar em Deus.

Nossos jovens estudantes, em sintonia com os sinais do tempo, indicam um parco interesse pela política partidária: 83,4% dos jovens mineiros e 84,2% dos belorizontinos afirmam não ter nenhum vínculo e/ou afinidade com partidos políticos. Os que são filiados a algum partido político somam apenas 4,6% no estado, baixando mais ainda na capital, 2,6%. Não há variação significativa da participação política segundo a confissão religiosa, ou seja, a grande concentração das respostas,

independentemente da religião, está em “não tenho nada com os partidos”. Assim, a baixa participação política, pelo menos nos espaços tradicionais, como os partidos políticos, está em nítido contraste com a alta participação religiosa.

Outra observação diz respeito à não-interferência da religião na escolha do candidato: 94,7% dos jovens mineiros votariam em candidatos de religiões diferentes da sua, 92,1% dos de Belo Horizonte, indicando uma percepção que distingue claramente o espaço laicizado da política daquele da religião. Contudo, quando são cruzados esses dados com os da religião confessada, variações: assim, são os pentecostais (11,0% no estado e 17,9% na capital) os que mais votaram nos candidatos de sua religião.

8 Conclusão

O segmento da juventude mineira por nós pesquisado não é indiferente à religião e sabe o que está falando quando fala em religião⁷. Eles têm uma consciência religiosa clara e bem definida que se apresenta na forma de uma identificação positiva com a religiosidade, embora ser religioso, ter confissão religiosa e crer em símbolos religiosos não se localizem

necessariamente no mesmo plano e no mesmo nível hierárquico. Os estudantes pesquisados sugerem que crença religiosa, sentimento/sensibilidade religiosa e confissão religiosa, são experiências do inefável (ou absoluto, ou do sagrado ou do radicalmente outro, como se queira nominar) que transbordam ampla e vigorosamente as rígidas gaiolas verbais em que desejaríamos retê-las.

⁷ O argumento contido nesta conclusão já foi desenvolvido de outro modo em Perez (2007).

A tendência à autonomia individual na escolha da religião entre a juventude mineira aqui considerada sugere que estamos em presença de um indivíduo religioso por escolha, o que, no entanto, não implica necessariamente o rompimento com os pertencimentos tradicionais, uma vez que eles no geral seguem a mesma religião dos pais, mas se relacionam com ela de um modo outro. Vale dizer que mesmo que haja continuidade, há também (*et pour cause*) mudança. Dito de outro modo: mantém a religião dos pais porque podem relacionar-se com ela como indivíduos autônomos, como sujeitos de vontade. A composição entre tradição e modernidade que esses jovens realizam em termos de escolha religiosa contraria frontalmente as clássicas teorias da secularização, segundo as quais a escolha individual apontaria para a privatização da religião, seu confinamento ao domínio do foro íntimo e, assim, levaria ao rompimento com os pertencimentos comunitários, logo para o desencantamento do mundo. Ao contrário, é graças à secularização, e por intermédio dela, que podem relacionar-se de outro modo com a religião. Ir à igreja e/ou ao culto, participar de associações e atividades religiosas é

para muitos dos jovens entrevistados elemento fundamental de sociabilidade, que compõe sua agitada rotina. Ou seja, são coisas que eles gostam de fazer. Neste plano, religião é lazer, insere-se entre outras referências culturais, como atestam os conteúdos religiosos em letras de certos segmentos de *rap* e de *hip-hop*, que tanto sucesso fazem entre eles (NOVAES, 1999, p. 65-92).

O que queremos pontuar é a que "experiência geracional" de nossos jovens estudantes sugere fortemente que a religião continua a atuar sobre a vida, a ser fonte de sentido e de experiência, mas não necessariamente e unicamente sob a forma exclusivamente formal da religião institucional e tradicional ou do mero produto de consumo. Ela faz parte das referências culturais mais imediatas desses jovens. Talvez fosse mesmo plausível dizer que não se trata mais da religião, mas de religiosidades, ou mais ainda, de sensibilidades religiosamente fundadas que acionam o sagrado, sobretudo em sua a propriedade de colocar coisas e/ou idéias antes separadas em contigüidade, criando um amplo campo de possibilidades de modulações e articulações.

Referências

ABRAMO, H.W. **Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano.** São Paulo: Scritta, 1994.

ABRAMOVAY, Mirian et al. **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas**

idades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

ALMEIDA, Ronaldo de. "Religião na metrópole paulista". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: Anpocs, p. 15-27, 2004.

ALVIM, Rosilene et al. **(Re)construções da juventude**: cultura e representações contemporâneas. João Pessoa: Editora da UFPB.

AMARAL, Leila. **Carnaval da Alma**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BUONFIGLIO, Mônica. **Anjos Cabalísticos**. São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1997.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A realidade das religiões no Censo do IBGE -2000. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **As Religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006. p.35-48.

CAMURÇA, Marcelo e TAVARES, Fátima R. G. Juventudes e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Numen**. v. 7, n. 1, p.11-46, 2004.

_____. Juventudes e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. In: TAVARES, Fátima; PEREZ, Léa Freitas; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). **Ser jovem em Minas Gerais**: religião, política e cultura. Belo Horizonte: Argumentum, p. 21-49, 2009.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, v. 28, n. 1, 2002.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e movimento hip hop. São Paulo: Annablume, 1998.

FORACCHI, Marialice M. **A Juventude na sociedade brasileira**. São Paulo: Pioneira, 1972.

GOMEZ DE SOUZA, Luiz Alberto; FERNANDES, Sílvia (Orgs.). **Desafios do Catolicismo na cidade**: pesquisa em

regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Paulus, 2002.

IANNI, Otávio. **O jovem radical**. Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. v. 1.

JACOB, Cesar Romero et al. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires, Biblos, 1996.

MARIZ, Cecília. O demônio e os pentecostais no Brasil. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (Orgs.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ.

MINAYO, Maria Cecília de S. et al. **Fala galera**: juventude, violência e cidadania. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

NOVAES, Regina. Religião e política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais. **Comunicações do ISER**, n. 45, 1994.

_____. Racionais: ouvir pra crer. **Religião e Sociedade**. vol 20, n. 1, p. 65-92, 1999.

_____. Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas. In: SANCHIS, Pierre (Org.). **Fiéis & Cidadãos**. Percursos de Sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 181-207.

_____. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

NOVAES, Regina; MELLO, Cecília. C. Jovens do Rio: Circuitos, crenças e acessos. **Comunicações do ISER**, n. 57, 2002.

POERNER, Artur. **O poder jovem**. Rio de

Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

PEREZ, Léa Freitas Perez. Da religião e de juventude: modulações e articulações. **Cadernos IHU Idéias**, n. 72, 2007.

SANCHIS, Pierre. O Campo Religioso Contemporâneo no Brasil". In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Org). **Globalização e Religião**. Petrópolis, Vozes, 1997. p. 103-117.

STEIL, Carlos Alberto; ALVES, D.; HERRERA, S. Religião e Política entre os alunos de Ciências Sociais: um perfil. **Debates do NER**, n. 2, 2001.

VIANNA, Hermano (Org.). **Galerias cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

Recebido em: 25/09/2015.
Aceito para publicação em: 20/10/2015.